

1

INTRODUÇÃO

Nelson Rodrigues deu vida às suas criações e à sua escrita explorando variados tipos de texto. Verdadeiro multimídia, escreveu da reportagem policial ao romance, passando por crônicas, contos e peças. As propostas destas últimas modernizaram o teatro brasileiro com montagens provocantes, uma espécie de bandeira do autor.

Meu primeiro contato com sua obra aconteceu por meio de uma recomendação de leitura do meu professor de filosofia. Experidião era o seu nome. Ele habitualmente falava de peças teatrais em suas aulas. Costumava contagiar os alunos do Ensino Médio com o seu gosto pelo teatro. Assim, com a sua sugestão, cheguei a *Vestido de Noiva* do autor considerado ícone da dramaturgia brasileira.

Mas foi depois de iniciar o curso de Letras na PUC que meu interesse me levou a procurar sua obra com mais dedicação. Nessa época, conheci a professora Pina Coco, amante e pesquisadora da obra de Nelson Rodrigues. Pina me abriu as portas do universo rodriguiano não voltado para o palco. Devo-lhe a apresentação a muitos títulos da prosa de Nelson e o incentivo, na graduação, a uma pesquisa que viria a se tornar a minha dissertação na pós-graduação.

Entre os trabalhos de Rodrigues em prosa havia um a que Pina sempre se referiu de forma especial: o romance que ele escreveu por encomenda e publicou não com um pseudônimo mas com sua assinatura na capa – pela primeira vez – no espaço de dois meses. Porque Pina o indicou diversas vezes, acabei me encontrando com *O Casamento* (sem imaginar que esse seria um dia meu objeto de estudo). Em nossas conversas, intrigava-me ouvi-la dizer que *O Casamento* tinha ficado esquecido pelos pesquisadores da obra de Nelson Rodrigues e pela crítica que, desde o fim da polêmica envolvendo sua retirada do mercado,¹ não teria lhe voltado atenção. Minha inquietação crescia toda vez que aquele livro era posto em questão, pois Pina comentava estar ali um tema para estudo ainda não realizado.

¹ A literatura considerada “imprópria” esbarrou na censura do governo militar.

Difícil era entender por que um bom campo a ser examinado como aquele permanecia à espera de um curioso, um desbravador, um estudioso. Imaginei poder obter explicações assim que acabasse de ler o tão falado livro. Mas demorou algum tempo até eu virar a capa de *O Casamento*. Quando o fiz, só parei a leitura após o último ponto, confirmando a precisão da minha professora ao falar que o livro “prende” o leitor. O melodramático em Nelson, corrobora Sábato Magaldi, “ajuda a agarrar o interesse imediato do espectador, provocado desde a primeira cena”. (RODRIGUES, 1993, p. 97)

Meu encontro com a ficção narrativa que inspiraria a adaptação homônima de Arnaldo Jabor para o cinema (1976) foi desconcertante. Ter lido a extraordinária experiência de ficção de Nelson Rodrigues me pôs em contato com a dramatização inerente ao texto, com a força que tem essa dramatização constantemente evocada pela sintaxe vibrante. Sintaxe que carrega recursos da arte da tragédia e comédia, bem como concentra o dito e uma narrativa paralela não verbal cujo sentido é captado e completado pelo leitor durante a leitura.

O não verbal que participa da criação da escrita maximiza a dimensão do jogo de cena, o fulcro da teatralização em *O Casamento*. O não organizado em linguagem verbal se funde com a palavra e com ela se confunde, fundando a narrativa teatralizada de forte apelo sensibilizador sobre o leitor – o grande trunfo do texto. Como Nelson Rodrigues articula o inteligível e o sensível em escrita figural² faz o leitor suscetível a perturbações as quais ele vai reagindo na sequência dos capítulos.

Juntando palavra e não palavra em sua narrativa, Rodrigues produz o efeito de encenação viva que afeta o leitor. É dessa forma que o movimento dos corpos, o *close* das personagens e o tom irônico do narrador levando a perceber – nas entrelinhas – a hipocrisia das personagens, por exemplo, cruzam com expressões típicas do senso comum, com o discurso narrativo das breves descrições cênicas na malha do texto cuja vocação teatral o faz audível enquanto ele é lido – mesmo em leitura silenciosa. Talvez por isso *O Casamento* “grudou” em mim.

O modo direto e incisivo de atuação de personagens cujas condutas escusas abalam a moral convencional é um aditivo que influencia na interação do leitor com a

² Aquela que figura a história – ou seja, a versão do autor para o que se vai narrando – na escrita.

narrativa na dinâmica teatral do texto. O leitor reconhece as práticas sociais condenáveis no jogo verbal, rejeita-as em seguida, chocado *com aquilo que está lá*. Duplamente chocado: por encontrar pela frente encenações do *inaceitável*, por constatar que ele se depara com alusões à fragilidade da pseudo-moral proclamada na vida social. A *teatralização* alusiva ao cotidiano em *O Casamento* – criação artística, obra literária de ficção –, tem o poder de levar o leitor a pensar na vida e nos controles sociais sobre a mesma ao ler a escrita – arte – que o toca.

Mais do que provocar uma afetação prolongada após a leitura, o romance de Rodrigues me empurrou em direção a questões insistentes. Sentia-me convocado para o corpo a corpo com o livro cujos elementos teatralizados implantados na linguagem povoavam meus pensamentos. Elementos que aguçavam e perturbavam os meus esforços de compreensão da desafiadora prosa dramatizada do romance. Reafirmo “dasafiadora” porque apesar de a escrita esbanjar simplicidade e economia verbal ela porta elementos cruciais à dramatização, os mesmos que preenchem a prosa de efeitos.

As encenações orquestradas pela escrita tanto me envolviam de maneira arrebatadora (como o espectador é tomado pela peça a que assiste no teatro) quanto me pareciam suficientemente convincentes como experimentação dramática de Rodrigues em sua narrativa. Acrescia-se a isso o efeito teatral da linguagem.

A linguagem em *O Casamento* se denunciava muito mais *criadora* e menos *descritiva*. Criadora de *encenações* calculadas enraizadas na narrativa. Decerto que Nelson se aproveita da realidade como eixo temático nos casos fictícios contados em sua escrita. Em contrapartida, seu esforço em dramatizar a situação narrada é patente e, não acidentalmente, reforça o tom melodramático do livro.³ O fundamental nessa operação do autor de animar a sequência verbal que movimenta a narrativa é que a escrita, ela mesma, acaba operando a teatralização. Via a marca pessoal do seu teatro se infiltrando na prosa, jogando com ela, “sujando”-a de dramaticidade. Na medida em que lia, comportava-me como leitor-espectador diante do seu inconfundível texto

³ A disposição complementar dos capítulos, das cenas e o aparecimento de *instantes de ação* – que sugerem um “tudo aconteceu dessa maneira” – recuperados com certa regularidade no desenrolar da narrativa também endossam esse caráter.

litero-dramático, resultante da introjeção de recursos da esfera do teatro na composição do texto verbal.

Como leitor e espectador é que sentia os efeitos do seu *teatro* na escrita. Os movimentos dos corpos, os diálogos, os *closes* das personagens em atuação na cena, a sonoridade migrada para as páginas e as sequências das cenas dramáticas traziam-me a familiaridade da experiência teatral e a estranheza do confronto imediato com sensações. As mesmas incorporadas na *escrita da cena em movimento*. Ou seja, à medida que lia o texto (como o espectador na plateia diante dos atores no palco) sentia os efeitos das encenações montadas por Rodrigues na escrita.

Quero dizer com isso que no enredo ficcional de *O Casamento* Nelson Rodrigues parece dar um passo além de introjetar o “retrato” da vida exatamente como a vemos e vivemos em sua escrita, portanto, distanciando-se do que faria um “escritor que descreve com realismo a vida nos subúrbios cariocas” (FACINA, 2004, p. 32.). Na contramão desse raciocínio de ficcionista reproduzidor da vida cotidiana – como o pensa normalmente sua crítica –, questiono essa visão banalizada a respeito do seu método de trabalho e técnica de escrita em relação ao livro *O Casamento*.

Em função disso, meu compromisso aqui é salientar um Nelson Rodrigues que trabalha o real como *invenção viva* em sua ficção, lendo o real da sua ótica perspectivada de ficcionista. Para tanto, complemento que *não* falarei dele como um ficcionista captador do real, nem realista, nem mergulhador nos recônditos da criatura humana, nem obsessivo em desmascarar o homem a quem despe de seus véus embelezadores, como o tem fixado, ao longo dos anos, o rumo habitual da sua crítica.

A concepção de *reprodutor* do mundo enquadra o autor num lugar realmente não condizente com a forma como ele articula a linguagem em sua escrita. Se vista como técnica de reprodução, a maneira muito particular de organizar a sintaxe despotencializa a articulação cênica que dá vida à escrita de Nelson, o *construtor* da teatralização na linguagem. Uma teatralização a que servem elementos lexicais e efeitos de recursos comumente utilizados no teatro, que incrementam a urdidura do texto voltado paralelamente para a leitura intelectualizada e a experiência sensível.

Assim sendo, a ideia de *construção* no jogo verbal se mostra mais razoável num contexto de perspectivação da realidade com efeito de vida realista. Nesse

sentido, é lúcido o olhar preocupado com a apreensão visual e a experiência sensível de destaque do vivido em sua materialidade perceptível na investigação de uma escrita feita de signos e estratégias forjadoras de teatralidade, como é a escrita de *O Casamento*. Escrita cuja própria elaboração deflagra a postura artística re-criadora de Nelson Rodrigues.

Isto posto, passo a tratar da estrutura da presente dissertação. No capítulo dois, investigo a prosa teatralizada de *O Casamento* como um exemplar da escrita rodriguiana, de marcado estilo dramático. Trato da *forma* de escrita (constituída de elementos que produzem efeitos) que aproximaria os textos de ficção de Rodrigues. Considero ainda a postura do autor ante a realidade que retrata à sua maneira em sua escrita.

No capítulo três, atento para a experiência de construção de uma “ilusão cênica” através da escrita e para o experimento da teatralidade, da cena e do diálogo do trecho de *O Casamento*. Destaco trechos os quais analiso em *close-reading*, de modo a evidenciar tanto as dramatizações quanto os recursos que as tornaram possíveis, seus efeitos na escrita e os efeitos que a escrita provoca durante a leitura.

A junção de arte e crítica nas figurações dinamizadas pela performatividade, dando à escrita outra dimensão, causou certa confusão na recepção de *O Casamento*. O estatuto de arte não sobressaiu ao de provocação dirigida por “subliteratura”, fato que promoveu a interdição do romance e uma grande discussão contra seu autor, envolvendo um segmento da sociedade e o governo da época. As conjecturas sobre essa interdição e a crítica ao livro “transgressor” é o ponto central do capítulo quatro.

O capítulo cinco apresenta considerações a respeito da performatividade na teatralidade, da cena, da palavra e sua importância para Nelson Rodrigues. Esse capítulo encerra a discussão teórico-crítica da pesquisa com as conclusões finais acerca do jogo com a palavra em *O Casamento*.